

"GOTA D'ÁGUA"

nem a todos "molhou"

N.
3/12/83

por Augusto de Jesus

A peça teatral Gota d'Água, que tem estado em cena no Avenida é, para muitos, um espectáculo positivo e completo: pela sua história, pelos papéis bem representados e, como não podia deixar de ser, pela qualidade da música, seu ingrediente mais atractivo.

A peça é ótima para muitos, para outros que também não são poucos, ela tinha de ser mais trabalhada para poder responder a todos os gostos. Muitas pessoas acham que ela se devia integrar melhor no meio social, político e cultural moçambicano.

Se é verdade que praticamente a totalidade do público que viu a peça gostou bastante dela e não deu o dinheiro por mal empregue, não é menos verdade que os motivos pelos quais as pessoas gostaram são bastante diversos. Mas alguns chegaram ao ponto de ter gostado tanto que perderam o sentido crítico. A saída do espectáculo foi difícil fazer com que essas pessoas dissessem mais do que «gostei muito». Porque, não sabiam explicar.

Para Albino Matola, morador no Bairro da Malanga que viu a peça pela primeira vez, ela é bem apresentada, mas de difícil compreensão, principalmente pela linguagem utilizada, que é mesmo brasileira.

Contrastando com esta opinião, um outro espectador por nós contactado e que afirmou chamar-se Dário, morador no Bairro da Polana, acha que a peça tem bons papos e o pessoal que a representa faz um bom ambiente no palco; tanto é assim que veio a peça pela terceira vez.

Este espectador é o que se pode chamar de «falso-bacano», segundo deixa transparecer nas suas declarações. Preocupa-se mais com pequenas coisas, superficialidades, deixando de lado, o que é mais importante e que é a história e a mensagem que a peça transmite.

Contudo há quem se preocupe bastante com a história e o seu desfecho, e pelo impacto que ela tem junto do público moçambicano. É o caso por exemplo de Celeste da Concelção, residente no Bairro da Manhangaene que afirmou ter gostado da peça e, talvez por ser mulher, aderiu a personagem de Joana. Como comentário, disse:

— Se a peça é para ser vista dentro da nossa sociedade e realidade, e deve ser educativa, então eu acho que o final podia ter sido modificado, pois a Joana não se devia suicidar, muito menos envenenar os seus filhos, porque não é um bom exemplo.

Esta espectadora é daquelas pessoas que espera do Teatro (como do cinema ou da literatura) que seja directamente educativo, como um livro escolar, que apresente não a realidade mas aquilo que gostaríamos

que ela fosse. Como nos romances e foto-novelas, em que tudo acaba bem.

— Eu gostei da peça porque é

peça ainda se mantém — declarou Rui Neves.

Continuando, o nosso interlocutor afirmou que antes de nós nos lançar-



«A Joana não se devia suicidar?»

bom espectáculo. Eu não sei bem se os artistas são moçambicanos, mas se são estamos a evoluir em teatro, embora eu não acompanhe esta arte.

— disse João Vicente, residente no Bairro Central e funcionário da Igreja Assembleia de Deus.

Aquele espectador que também viu a peça pela primeira vez, afirmou, ainda que, da história aprendi que o casamento é bom, demonstrando assim, não ter entendido a peça, como algumas outras pessoas, talvez por falta de hábito de ver teatro.

No entanto existem pessoas que conhecem o teatro há longa data e que são defensores de um teatro puramente moçambicano, como é o caso de Rui Neves, residente no Bairro Central, que sobre a peça, disse:

— Se algo de moçambicano tem esta peça, só podem ser os actores e pouco mais. Acho que as alterações que foram introduzidas são tão superficiais que a pura originalidade da

sermos correr o risco de imitar o que é estrangeiro, prejudicando o que é nosso, como acontece na música.

— Não basta trocarmos apenas, por exemplo, «feijoadas» por «carapaus», para que a história seja moçambicana — acrescentou.

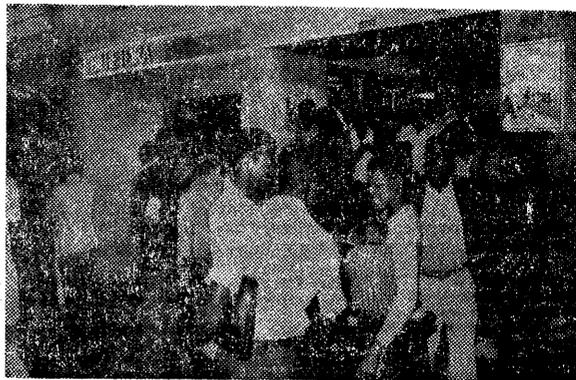
A PEÇA TEM PÚBLICO DIRIGIDO

Um outro espectador por nós contactado foi João Paulo, morador no Alto Maé, que quis falar sobre o alcance que «Gota d'Água» tem no público moçambicano.

— Eu acho que a peça é de certo modo dirigida a um sector do público e isso é fácil de detectar. Não obstante, acho-a muito bem representada e que, para além de Moçambique, tal como ela é, pode fazer sucesso em qualquer outro país — disse.

A finalizar, contactámos um outro assistente, de nome José Honwana. Começando por dizer ter gostado, ele acrescentou que nós devíamos preocuparmo-nos com o que é nosso e não limitar o que é estrangeiro, apenas para agradar a um certo sector da plateia.

— De bom teatro moçambicano, acho que só fizemos «Javali Javalisimo» e pouco mais. Até posso afirmar que esta peça que está no «Avenida» é, realmente, uma simples gota de água, em comparação com aquela peça e outras por nós realizadas.



A saída do espectáculo, o que ficou?